



CRÍTICA | NÚCLEO DE PRODUÇÃO

Brevidades sobre o longo parto de si mesmo

Encontramos logo de início um rapaz com um espelho em mãos a caminho de um pedestal. Ao posicionar o espelho no pedestal este rapaz exala confiança em si, e faz de seus movimentos o parto, a construção de sua personalidade. Durante a coreografia encontramos referências da dança Voguing, criada pelo movimento LGBTQIA + nos anos 80.

O corpo que se expressa nos movimentos confiantes, o Voguing é uma dança caracterizada por esses movimentos, as poses, a autoconfiança e o reconhecimento do belo enquanto o eu. É um corpo que nos mostra a união entre o feminino e masculino, a androginia, que se une e faz do dançarino a força materna e paterna de si mesmo. Androginia, uma palavra não muito bem aceita pelas instituições tradicionais, como por exemplo a Igreja.

E é em frente a igreja, em praça pública, em um espaço turístico de Itacaré, que esse corpo negro faz de si manifesto, empoderamento, ele volta ao espaço de opressão e o pinta conforme a dança segue. O dançarino conta a sua história, a sua relação com o espaço em que está, ele não se envergonha ao apresentar-se em seu estado mais iluminado, mais sincero.

É através da dança e do movimento do pincel tornando este corpo único que vemos o nascer de um artista, que faz de si a sua arte. É através da maquiagem que esse corpo se apresenta sua verdadeira persona. Sua vida é uma obra, é representatividade, luta e resistência, é exemplo para tantas outras "crianças viadas" que se encontram silenciadas pela opressão que sofrem diariamente.

O dançarino cria movimento entre os espaços, ele trás novas formas, novas cores e luz, como o sol. Ele clareia e emana energias vitais para o ambiente, e também recebe tais energias. Ele é o sol e a natureza que se nutre, que gera frutos, mesmo que antes fosse podado. Ele promove a dança, o longo parto de si, e ele segue os próprios passos.

Bahia, março de 2021.

Jéssica Andrade, Beatriz Amiê e Jaana Rocha

Apoio Financeiro: